



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

AS CONTRIBUIÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO E FOTO/FILMAGEM NO PROCESSO REFLEXIVO DA DOCÊNCIA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Korine Compagnoni Soares¹
Leandro Forell²

Resumo

O desafio de trabalhar com uma menina de 13 anos com um prejuízo muito grande na interação com o outro, na tentativa de abrir canais de comunicação e significar sentimentos, emoções e ações gerou muitas reflexões e questionamentos. Orquídea, como escolhi chamá-la neste artigo, é uma aluna com síndrome de Down e Transtorno do Espectro Autista (TEA). Frequenta semanalmente o atendimento Expressão e Movimento no Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP, (um centro de atendimento educacional especializado na cidade de Novo Hamburgo), no período de uma hora. No registro (escrito ou audiovisual) dos acontecimentos, surgiram muitas dúvidas, frustrações e a percepção de conquistas e aprendizagens que despertaram o interesse em utilizar esta experiência na investigação necessária para a conclusão do curso da Especialização em atendimento educacional especializado. – AEE da UERGS/LIBERATO. Objetivou-se identificar como o uso do diário de campo e foto/filmagem contribuem para o processo reflexivo da docência de AEE. A metodologia escolhida foi à pesquisa qualitativa, através do método estudo de caso e o diário de campo como coleta de dados, através de registros, fotos e filmagens de 12 encontros. A análise dos dados resultou em três grandes categorias: Do processo e as sucessivas frustrações e avanços na relação com os diários, O redimensionamento do planejamento a partir das reflexões do diário e Da avaliação do processo educativo a partir dos diários; proporcionando reflexões que conduziram ao repensar, reorganizar, redimensionar a prática docente. Através desta investigação, concluiu-se que a observação sistematizada possibilitou o conhecimento profundo da aluna, ampliando a interação e comunicação com a mesma. A utilização de fotos e filmagens possibilitou reviver cenas e perceber expressões, sentimentos e ações, muitas vezes imperceptíveis no decorrer do atendimento e o diário de campo e foto/filmagem é uma ferramenta de grande valia no atendimento educacional especializado, sugerindo a sua inserção no dia a dia do atendimento, bem como a ampliação de tempo destinado ao registro dos acontecimentos.

¹ Mestre em Ciências Aplicadas à Atividade Física e o Desporto (Universidad de Córdoba). Especialista em Atendimento Educacional Especializado (UERGS/ LIBERATO) e Dançaterapia (Universidade FEEVALE), Graduada em Educação Física (Universidade FEEVALE). Professora do Núcleo de Apoio Pedagógico da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo. korinesoares@gmail.com

² Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Orientador deste artigo e professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Docente do PPGED/UERGS - Mestrado Profissional em Educação, Líder do GEPRACO - Grupo de Estudo em Práticas Corporais e Pesquisador Vinculado a Rede CEDES/ME.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Palavras-chave: Reflexões em atendimento educacional especializado; Transtorno do espectro autista; Diário de campo.

INTRODUÇÃO

Orquídea é uma aluna do 5º ano de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, atualmente com 13 anos. Como forma de preservar a identidade da aluna, escolhemos este nome porque cada flor tem a sua singularidade e especificidade. Sua beleza pode ser vista de longe, mas seus pequenos detalhes só são percebidos bem de perto através de profunda observação.

A mãe de Orquídea engravidou dela aos 35 anos. Na ecografia do 7º mês foi diagnosticada dupla bolha no duodeno, ocasionando pouca passagem de alimento. Fez amniocentese e descobriram que Orquídea nasceria com síndrome de Down. A mãe buscou ajuda na Associação dos familiares e amigos do Down (AFAD), para saber mais sobre o assunto.

Nasceu prematura e com 10 dias fez cirurgia no duodeno. Aos 6 meses começou psicomotricidade e mais tarde fonoaudiologia. Seu desenvolvimento foi tranquilo até os 3 anos quando passou a regredir, parando de pular, voltando a engatinhar, diminuindo a fala e o vocabulário. Iniciou as estereotípias e aos 4 anos já não falava mais, quando foi diagnosticado o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Aos 8 anos teve Leucemia, ficando 2 anos em tratamento. “Ela tem uma resiliência maior que qualquer um. Passou por várias dificuldades desde a gestação e conseguiu superar tudo!” (QUESTIONÁRIO, 2018)

Em sua trajetória escolar, passou por três escolas, necessitando de apoio constante. Chega e sai em horário diferenciado dos demais alunos, evitando o tumulto de entrada e saída. Sua permanência na sala é pequena, passa boa parte do tempo em espaços da escola em atendimento individualizado com a profissional de apoio.

Apresenta um prejuízo muito grande na interação com o outro. Não utiliza a linguagem verbal (ou fala). Emite sons, estalos de beijo e cantarola. Faz uso da fralda, pois não controla o esfíncter. Toma medicação intravenosa para não menstruar.

Em 2016 foi encaminhada para o NAP - Núcleo de Apoio Pedagógico que é um centro de atendimento educacional especializado ofertado pela Secretaria Municipal de



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Novo Hamburgo aos alunos da sua rede de ensino. Conforme Nota Técnica, nº 055 de 2013, na perspectiva da educação inclusiva, o AEE é:

[...] realizado, prioritariamente nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou de outra escola de ensino regular, podendo, ainda ser realizado em centros de atendimento educacional especializado; ofertado de forma complementar ou suplementar, não substitutiva à escolarização dos estudantes público alvo da educação especial, no turno inverso ao da escolarização. (BRASIL, 2013, p. 2)

É destinado a estudantes matriculados na rede que fazem parte do público alvo do AEE: “[...] crianças e adolescentes com deficiência; transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação”, conforme as Diretrizes Operacionais para o AEE na Educação Básica, modalidade Educação Especial (Parecer CNE/CEB nº: 13/2009), e alunos com dificuldade de aprendizagem.

Possui diferentes atendimentos que dão suporte às necessidades específicas das crianças e adolescentes encaminhados ao CAEE e fundamentam-se nos marcos legais, políticos e pedagógicos que orientam a implementação dos sistemas educacionais inclusivos. Ocorrem em turno contrário, uma vez por semana com duração de 1 hora.

Em 2018, Orquídea foi transferida para o atendimento Expressão e Movimento no qual eu sou responsável, em função da sua demanda e encerramento do atendimento anterior. Fiquei bastante apreensiva e com medo do desconhecido, pois já havia trabalhado com outros alunos com síndrome de Down e brevemente com um aluno autista. Temi o inesperado ao mesmo tempo em que fiquei fascinada pela sua história e pelo desafio que teria pela frente.

Atualmente Orquídea também faz através da Associação de Assistência em Oncopediatria (AMO): Fisioterapia, Fonoaudiologia, Musicoterapia e um trabalho voluntário com uma Dra. em Tecnologias de Comunicação. Devido à quantidade de atendimentos e a disponibilidade de horário não está frequentando a SRM da escola.

A ENTRADA DE ORQUÍDEA NA INVESTIGAÇÃO



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Iniciei³ o trabalho com Orquídea em abril de 2018, tendo como objetivos: abrir canais de comunicação; promover a interação social com a professora e futuramente com outra criança; trabalhar a imagem e o esquema corporal e significar sentimentos, emoções e ações.

A cada semana fomos nos conhecendo e aumentando vínculo. Chegava sempre bem vestida e com cabelo arrumado. Não passava pela sala de espera como os demais alunos, indo direto para a sua sala de atendimento, evitando assim, a ansiedade. Acordamos com a família a pontualidade na sua chegada e saída. Ao entrar, geralmente iniciava a passagem pelo circuito que já estava preparado com obstáculos e brinquedos. (Foi uma atividade que partiu dela nos dois primeiros atendimentos, mostrou muito interesse em subir no *jump*, colchonete e *step*). Assim que a mãe sai da sala, iniciamos pela retirada dos nossos sapatos e o comando de poder brincar. Reconhece a rotina, que foi sendo construída em conjunto com ela, de acordo com os objetivos e o que foi se apresentando no decorrer do trabalho.

Aos poucos fui entendendo os seus movimentos e atitudes, descobrindo significado para as suas ações: - sorri balançando as mãos na altura dos olhos quando está alegre e feliz com algo ou brincadeira (normalmente este é um momento de interação entre nós); - desloca bruscamente o maxilar com ou sem ajuda da mão e joga a cabeça para frente rápido quando está incomodada, ou não gosta de algo; - bate rapidamente com a mão, dando tapinhas fraquinhos no chão ou no objeto quando quer que repita algo que está gostando, como uma brincadeira (de novo!); - reclama (urra) quando a mãe fica na sala por muito tempo conversando com a professora; - nega-se a colocar o tênis, levantando e passando mais algumas vezes pelo circuito, quando quer brincar mais.

Percebi que estava aos poucos abrindo canais de comunicação. O medo do inesperado foi se transformando em conquistas, observadas a cada dia. Também houveram muitas frustrações, momentos em que não fazia ideia do que estava acontecendo nem do que fazer. Todo atendimento com Orquídea era uma surpresa. O que despertou o seu interesse uma vez, nem sempre lhe chamava atenção novamente,

³ Embora o trabalho possua 2 autores ele será redigido na primeira pessoa do singular, tendo em vista que o trabalho de campo, foi conduzido por apenas um dos integrantes. O Segundo integrante, professor orientador, auxiliou no processo de construção da pesquisa e de orientação e revisão das atividades.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

gerando muitas reflexões sobre a minha prática pedagógica e questionamentos como: Qual a melhor maneira de trabalhar com ela? Como se dá a criação de laços com esta criança? Que estratégias de comunicação utilizar? Como realizar a prática de AEE? Como se dá a sua aprendizagem? O que está aprendendo no atendimento?

Como de costume, no final de cada atendimento, é feito o registro das atividades, dificuldades, conquistas e dúvidas. Surgiu então, o interesse em trazer esta experiência e aprendizagens para a investigação a ser realizada como forma de conclusão de curso da Especialização em atendimento educacional especializado, oferecido pela UERGS/LIBERATO.

Em conversa com o professor orientador desta pesquisa, foi proposto o conhecimento e a utilização do diário de campo (DC) e a sugestão da aplicação deste como forma de registro dos atendimentos feitos com Orquídea. A partir deste momento, iniciou-se esta investigação que culminou com a produção deste artigo, tendo como foco principal: identificar como o uso do diário de campo e foto/filmagem contribui para o processo reflexivo da docência no AEE?

PROCESSO DE PESQUISA

Para a realização desta investigação escolhemos a *pesquisa qualitativa* como metodologia. Conforme Taylor & Bodgan (1996) a expressão ou sentença *metodologia qualitativa*, se refere em seu mais amplo sentido, a investigação que produz dados descritivos a partir das próprias palavras das pessoas, faladas ou escritas e sua conduta observada.

Em estudos realizados pela investigação qualitativa o interesse se dá em como ocorrem às experiências cotidianas, bem como o seu significado para o sujeito. (SILVA, 1996) Do ponto de vista metodológico, a melhor maneira para se captar a realidade é aquela que possibilita ao pesquisador, colocar-se no papel do outro, vendo o mundo pela visão dos pesquisados". (GODOY, 1995, p.61)

O método escolhido para desenvolver esta investigação e coletar os dados necessários para verificar a questão levantada como problema é o *estudo de caso*. Molina (1999) ressalta que o estudo de caso não é uma eleição metodológica é, sobretudo a



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

eleição de um objeto a estudar. Objetiva o exame detalhado de um sujeito, de um fenômeno, um programa, um evento, uma instituição, um grupo social ou de uma situação em particular.

Um dos caminhos que norteiam esta pesquisa se sustenta na crença de que as generalizações não são possíveis. A base de raciocínio deste estudo se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo de coleta dos dados, procurando entendê-las de forma contextualizada, sendo abordados dentro de outra perspectiva, que não utiliza modelos matemáticos. (NEGRINE, 1999).

Para a coleta de dados desta pesquisa escolhemos o *diário de campo*, guiados pelos estudos Winkin, tendo como foco o que ele cita como a “[...] arte de ver, arte de ser (*saber estar com*, com os outros e consigo mesmo) e arte de escrever”, para a realização do diário. (WINKIN, 1998, p.132) Segundo o autor, ao descer ao campo é necessário que o investigador fique à vontade no lugar da sua escolha de forma a poder voltar ali tantas vezes quiser. É preciso que a observação possa ser sistematizável:

[...] vocês começarão assim controlar seu olhar. E esse controle de olhar se baseia numa primeira sistematização dos momentos de observação. Isso quer dizer, em corolário, que vocês vão tentar transcrever o que observaram em mapas ao mesmo tempo espaciais e temporais. (WINKIN, 1998, p. 133)

Sendo assim, a melhor forma de administrar simultaneamente observações, leituras, reflexões e frustrações é através do diário de campo. Winkin (1998) destaca:

[...] é preciso que o diário tenha uma função catártica. É o que Schatzman e Strauss (1973) chamam de função emotiva do diário [...] A segunda função do diário é empírica. Nele vocês anotarão tudo o que chamar a sua atenção durante as sessões de observação [...] A terceira função do diário é reflexiva e analítica. Vocês vão reler-se regularmente e fazer anotações (à esquerda). (WINKIN, 1998, p.138 e 139)

A coleta dos dados foi realizada no atendimento do CAEE, em turno contrário da escola, uma vez por semana no período de uma hora, totalizando 12 encontros, do dia 15 de agosto a 31 de outubro de 2018. Os registros no diário de campo ocorreram da seguinte forma:

- Pequenos apontamentos: durante o atendimento fazia registros com palavras chaves e esquemas para lembrar os acontecimentos posteriormente no momento do registro geral.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

- Fotos e filmagens: quando possível, de forma a não interferir na interação, procurei fazer uso destes recursos. As mesmas foram feitas quando a aluna estava brincando sozinha ou passando pelo circuito. Provaram ser de grande valia, pois no momento da sua transcrição para o diário, foi possível perceber situações riquíssimas, que muitas vezes passavam despercebidos na rotina atendimento;

- Descrição do atendimento: logo após a saída de Orquídea passava para a descrição completa do atendimento, de forma a relatar os acontecimentos, fazendo uso das anotações anteriores, fotos e filmagens.

RESULTADOS

A partir da análise minuciosa dos dados no diário de campo, tendo em vista que o objetivo pedagógico era de estabelecer formas de comunicação (abrir canais), chegou-se a três grandes categorias de estudo que serão tratadas a seguir.

Do processo e as sucessivas frustrações e avanços na relação com os diários

Quando iniciei o trabalho com Orquídea, não fazia ideia de como seria. Havia tido um contato com ela quando observei seu atendimento no ano anterior. O primeiro passo foi chamar a mãe para conversar, na tentativa de conhecer a criança através dos seus olhos, valorizando os seus saberes com Orquídea. Aos poucos fui ganhando a confiança da mãe, que entregou em minhas mãos o seu bem mais precioso, trazendo ela em todos os atendimentos.

Trabalhar com Orquídea me instigou a voltar a estudar e pesquisar. Fui à busca de teoria referente ao TEA, que me proporcionaram uma boa base para iniciar. No entanto, no decorrer dos atendimentos, muitas foram às dúvidas que surgiam, pois cada dia era uma incógnita. A utilização do diário de campo como forma de registro das atividades me proporcionou inúmeras reflexões. Dentre os tantos questionamentos, qual será a melhor forma de abordagem a Orquídea? Será que estou no caminho certo?

Fico na dúvida se me aproximo ou deixo ela explorar sozinha. Às vezes acho que invado o espaço dela. Deixar ela explorar sem estar interferindo. (DC, 15/08/2018, p. 3)



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

No momento da escrita do diário a possibilidade e repensar sobre as ações:

Sentei na sua frente para brincar junto. (Aqui acho que errei, estava um pouco ansiosa para tentar lhe apresentar um aprendizado formal.) (DC, 15/08/2018, p. 3)

A antecipação, muitas vezes, justamente por não saber o que esperar dela:

Disse que então iria guardar as letras, e comecei a guardar, se levantou do lugar e puxou a caixa de jogos de encaixe. Esta estava fechada, então lhe autorizei a abrir. Ela ia até o gancho, mas não conseguia abrir, fui lhe mostrando até que abrimos. Talvez deveria ter deixado ela abrir e ver o que ia fazer se não conseguisse. Fiquei com medo dela quebrar a caixa, me antecipei) (DC, 26/09/2018, p28)

Lacerda e Oliveira (2018) destacam que a identidade do pesquisador e do professor se constitui no decorrer de sua pesquisa. Estas se constroem e se formam na prática, juntando os acertos e erros, tentativas e histórias. É um processo em movimento, justamente no cotidiano que tal identidade se constitui, se reforça e se complementa.

Em muitos momentos a alternativa escolhida foi me afastar – olhar de longe:

Às 10h30 saiu e puxou a caixa de bichinhos, sentando no chão com ela no meio das pernas. Pegava um bichinho, colocava na boca, mordida, colocava no nariz e jogava longe. Me aproximei e jogou em mim. Tentei brincar de jogar novamente para ela ou na caixa, mas não fluiu não interagiu comigo, não consegui perceber se era para continuar ou não. Então me afastei e fiquei observando ela, deixando ela brincar. (DC,12/09/2018, p19)

Kupfer et al. (2017) destacam que o educador tem o seu saber sobre o seu aluno. Trata-se de um saber inconsciente, que por ser inconsciente, é desconhecido. É um saber não sabido. Esse é o saber que comanda as relações de um professor com seu aluno.

[...] passado certo tempo com um aluno em situação de inclusão, eis que vem ao professor uma maneira de abordá-lo, ensiná-lo, sem que ninguém o tivesse ensinado. Seu convívio diário com a criança o levou a conhecê-la, mas também a acionar esse saber que não está disponível em sua consciência, mas mesmo assim opera. (KUPFER ET AL, 2017, p. 28)

Orquídea apresentava um “certo fascínio” pelos xilofones da sala. Quando passava por eles, colocava o pé em cima e tentava subir. Desistia quando sentia os pregos ou quando a professora lhe advertia que não era de subir e sim de tocar. Se os mesmos lhe eram ofertados, ou tocados de forma a lhe mostrar o som, arrancava as baquetas da minha mão colocando-as na boca. Tirava as teclas uma por uma, jogando longe. Este é um dos muitos exemplos da dificuldade encontrada em decifrar as suas ações:



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Ainda não sei o que ela quer com o xilofone, ainda não entendi. (DC, 15/08/2018, p4)

Ocasionalmente, muitas vezes, o sentimento de frustração e impotência:

Me senti extremamente frustrada, parece que não consegui decifrar o que ela queria, foram várias as vezes que ela deslocou o maxilar com a mão e sem a mão e na hora de ir embora também, abriu a grade batendo forte e entrou no elevador braba, reclamando. Acho que não queria ir embora, mas parece que hoje eu não a atingi. O que aconteceu? Como decifrar os seus sinais? Ver ela se machucando e não conseguir parar. Muitas tentativa, muitas distâncias. Pode ser que ela estava brincando sozinha e não queria a minha participação pois a mãe disse que adorava piscina de bolinha. (DC, 17/10/2018, p. 35)

Para Kupfer et al. (2017) essas atuações agressivas e auto agressivas podem ser uma forma de a criança ter/sentir o seu corpo. A agitação motora e/ou condutas estereotipadas se manifestam porque a criança não dispõe de recursos simbólicos, de representação e de expressão por meio da fala para elaborar o que sente e o que se manifesta em seu corpo. A manifestação corporal é uma forma de expressão possível nesse momento. Também percebido no filme transcrito a seguir:

Logo lhe chamou atenção o disco de equilíbrio, na primeira passada quis pisar em cima. Senti com o pé as pontinhas e o desequilíbrio que dá, tirou o pé de cima e saiu andando, com uma postura corporal como se estivesse “braba” e resmungando. Passou pela bola pula-pula, levantando o pé, subiu e desceu da escada, passou pelas cordas ao chegar novamente no disco de equilíbrio sentindo as pontinhas com o pé e saiu reclamando novamente. Assim seguiu testando várias vezes, às vezes colocava o pé em cima, às vezes passava levantando a perna. **(Filme 1, 22/08/2018)** - Me parece que queria pisar em cima, mas tinha medo, ou ficava insegura, ao mesmo tempo que se autorizava colocar o pé em cima e sentir as pontinhas. O que me chamou atenção (registro do vídeo), foi a sua expressão corporal junto com o sua reclamação. (DC, 22/08/2018, p.7)

Juntamente com as frustrações e dúvidas vieram às conquistas, que foram sendo registradas e percebidas nas idas e vindas ao diário. Destaco a seguir algumas delas:

Me emocionei muito neste momento, pois senti que tinha conseguido uma ligação com ela. Ela estava interagindo comigo, me pedindo algo que já havíamos feito antes e eu tinha entendido o seu pedido.(DC, 15/08/2018, p.4)

Nossa! Muito show hoje! Brincamos de pega-pega, ela tocou instrumentos, me empurrou quando não queria mais cosquinha, não queria ir embora, foi de mãos dadas comigo até a saída! (DC, 24/10/2018, p.37)

O redimensionamento do planejamento a partir das reflexões do diário



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Os fragmentos de comunicação foram percebidos em momentos de brincadeiras. Quando gosta de algo e quer que a professora faça novamente, Orquídea dá tapinhas rápidos, como um pedido de repetição. A observação foi crucial para o sucesso deste momento, pois possibilitou entender o que ela queria.

Em uma das passadas, se aproximou da prateleira e pegou a caixinha com bichinhos de pelúcia. Sentou no chão com a caixa no meio das suas pernas. Pegou um bichinho, olhou e jogou para longe. E assim fez com os demais que estavam na caixa. Me aproximei e como alguns vieram para perto de mim, comecei a dar sentido para a brincadeira. "Mas, tu tá jogando na profª?" E jogava de volta dentro da caixa. Olhava pra mim e sorria e jogava de novo. Batia levemente com o bichinho na caixa. (Entendi como pedindo de novo, de acordo com os atendimentos anteriores e conclusões anteriores). Fazia sons como se estivesse cantando e estralando beijos. Continuamos por um tempo nessa brincadeira. (DC, 29/08/2018, p.10)

Ao poucos foi interagindo mais com a professora e ampliando o seu brincar. Kupfer et al. (2017) destacam que no caso de crianças com graves entraves estruturais na constituição psíquica, tanto o trabalho escolar como o terapêutico visam à introdução da fantasia e do faz de conta no brincar.

Comecei então a fazer algumas vozes dos bonecos, como no caso do Mickey Mouse, uma boneca e o cachorro, "Oi Orquídea, eu sou o Mickey! Você quer brincar comigo"? Percebi que estava gostando pois ela olhava para mim e sorria. Como ela estalava a boca, fazendo som de beijo, comecei a fazer de conta que os bonecos davam beijos nela. Ele sorria e virava o rosto como que recebendo o carinho e colocava a boca ou a língua neles, pegando da minha mão e colocando na caixa ou jogando em seguida. Ficamos um tempo nessa brincadeira. (DC, 29/08/2018, p.10)

Conforme Siluk, (2014) o autismo necessita de intervenções de diferentes áreas do conhecimento que focalizem em suas potencialidades, sendo assim, a intervenção a ser utilizada deve ser selecionada com base nos pontos fortes e fracos das áreas social, comportamental e de linguagem.

Em muitos momentos, o imaginado e planejado não a atingiam, não chamavam a sua atenção da forma como era esperado. Orquídea, geralmente fazia as suas escolhas e opções de passagem, excluindo alguns obstáculos do seu desafio.

Começou a passar pelo circuito. Passou ao redor do túnel, colocou a língua para fora, como que querendo encostar no espaguete, passou pelos blocos, cones pequenos e retornou novamente. A cada passada dela, eu passava por dentro do túnel e dizia: "Passa por baixo"! Ela continuava a fazer o que estava fazendo.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Tentava chamar a sua atenção para a passagem pelo túnel, mas não dava muita bola. (DC, 10/10/2018, p.32)

Para Kupfer et al (2017) uma criança em fechamento entende os pedidos do outro como invasivos e desorganizadores das rotinas que ela já criou. Assim, recusa o olhar ou o contato físico dos outros.

Lhe mostrei uma bolinha amarela com pontinhas para fazer massagem. Pegou a bolinha da minha mão e foi para o chão brincar com ela. Batia a bolinha no chão, às vezes ela deixava cair de forma que esta picava. A intenção era fazer-lhe massagem, mas ela pegou a bola e queria brincar. Como já estava na hora de ir embora, me aproximei com as meias e os tênis, anunciando que era hora de colocar. Ela se virou de bruços fazendo sons como se estivesse reclamando (urrrando). Fui falando, que já estava na hora de ir para casa enquanto colocava as suas meias e tênis. Fui para a sua frente lhe dar a mão e ela se virou novamente e reclamou. Então lhe disse: Eu sei que tu queria brincar mais, mas é hora de ir embora, a mamãe já chegou! É hora de ir para casa! Me deu a mão, levantando do chão, jogando a bolinha longe com mais um resmungo! Percebi que não queria ir embora. Ficou braba. (DC, 29/8/2018, p. 11)

Da avaliação do processo educativo a partir dos diários

Partindo do princípio de que cada aluno é único e aprende de forma diferente e singular, cabe ao professor descobrir as suas potencialidades. Com Orquídea não foi diferente. A análise do diário proporcionou a visualização de muitas aprendizagens, diferentes da formal, mas que podem e devem ser valorizadas, como no caso da seleção e seriação dos brinquedos:

Pegava peça por peça do jogo de encaixe. Algumas pequenas jogava pra fora, as grandes, colocava na boca e ia empilhando no canto da caixa. Isso me chamou bastante atenção, por ser uma forma de seriação. (DC, 26/09/2018, p. 28)

Também foi nítida a sequência que montava na sua cabeça ao passar pelos obstáculos, a cada nova passada, a sua repetição:

“Filme 1- 19/09/2018 -Orquídea passando pelos cones deitados de forma intercalada. O filme inicia com ela passando pelo 4º cone, onde ela se posiciona de frente para ele entrando pela parte mais fininha e pequena (a parte de cima do cone) abrindo as pernas até chegar na parte mais larga (parte de baixo, a base do cone), quando levanta a perna para sair.

- Ah! Isso!

- Uhhh - Levantando os braços, como se tivesse comemorando, se dirigindo para a entrada do 1º cone quando entra da mesma forma que o 4º cone.

- Muito bem!

Passa ao lado do segundo cone, levanta o pé no 3º cone e se aproxima do quarto, quando para de frente para ele e reclama (parece que se deu conta que estava fazendo diferente desta vez).

- Como dá pra passar por este? Grande né!



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

- Uhhhh

Levanta a perna passando por ele, vai até o 2º cone levanta a perna e entra novamente no primeiro como no início". (DC, 19/09/2018, p. 21)

Melgarejo (2017) destaca que:

[...] a escola (especial e comum) ao desenvolver o Atendimento Educacional Especializado deve oferecer todas as oportunidades possíveis para que nos espaços educacionais em que ele acontece, o aluno seja incentivado a se expressar, pesquisar, inventar hipóteses e reinventar o conhecimento livremente. Assim ele pode trazer para os conteúdos advindos da sua própria experiência, segundo os seus desejos, necessidades e capacidades. O exercício da atividade cognitiva ocorrerá a partir desse conteúdo. (MELGAREJO, 2017 Apud BRASIL, 2006, p.24)

Foi justamente buscando desenvolver essas habilidades que proporcionamos variadas atividades para Orquídea, despertando a sua criação:

Anunciei que iria mudar:

- Posso arrumar os cones de outra forma? Vamos fazer diferente?

Fui organizando eles na diagonal, de forma que o elástico ia de um lado para o outro. Orquídea continuou passando, criando outra forma de passar, contornando e levantando os pés nos cones das pontas. Passava sorrindo e cantando. Depois de um tempo, anunciei que iria mudar o cone. Tentei colocar ele deitado, ela passou e levantou. Falei novamente, deitando dois cones e ela desvirou novamente.

- Tá bom, a profª entendeu. Vou deixar assim. Continuou passando. (DC, 05/09/2018, p. 14)

A sua capacidade de compreensão e interpretação também foram registradas, bem como resposta a alguns pedidos por parte da professora:

Verifiquei que já estava na hora de ir embora então pedi para ela guardar o brinquedo, e pra meu espanto e alegria ela guardou, pegou as peças que estavam perto dela e colocou na caixa.

- Parabéns! Muito bem! Você está guardando o brinquedo, isto me deixa muito feliz! Então lhe alcancei as peças que estavam mais longe e ela colocou dentro da caixa. (DC, 26/09/2018, p.28)

Durante vários momentos notou-se o reconhecimento de algumas músicas. Às vezes parava o que estava fazendo e olhava em direção ao aparelho de som. Sorria quando gostava ou deslocava o maxilar quando não lhe agradava. Três momentos significativos marcaram este aprendizado, como no dia em que chegou cantando uma melodia:

Passou boa parte da sessão cantando a mesma melodia. Diferente de outros atendimentos, hoje seguia sempre a mesma melodia com "La, la, la, la, la, la, la la"! (DC, 03/10/2018, p.29)



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

A “Dona Aranha”...

No final, cantarolava uma música que começava com “A”. Me lembrei da música “A Dona Aranha”. Continuou cantando comigo. Cantei novamente e ela cantou junto. Me emocionei novamente! (DC, 10/10/2018, p. 34)

E “Escravos de Jó”...

Comecei a cantar “Escravos de Jó”, fazendo zigue, zigue zague com os cones. Assim que terminei, ela cantou:

- A - A - A - mexendo com o cone também.

Me emocionei, tentei de novo, e dizia:

- Canta com a profª ! - E ela fazia:

- A - A - A - mexendo o cone.

Fizemos várias vezes, tentei pegar o celular para registrar, mas isto atrapalhou. (DC, 10/10/2018, p. 34)

Encerro, descrevendo um momento de grande relevância:

Cantei a música do “Pampamramrampampam” e sorriu. Lhe mostrei o prato (instrumento) tocando um no outro, pegou da minha mão e colocou no seu colo. Deu tapinhas, pedindo para tocar de novo. Toquei e cantei o Pampara... Ela sorriu mexendo as mãos na altura do rosto (alegria). Então eu dei tapinhas e disse pra ela tocar de novo! E ela tocou, depois deu tapinhas pedindo pra mim. Toquei e pedi pra ela dando tapinhas e ela fez de novo. Me emocionei muito, porque ela fez o que eu pedi, deu certo. Às vezes eu colocava o ganquinho do prato na sua mão e ela tocava também, depois pedia pra mim. Foi demais! (DC, 24/10/2018, p. 39)

Durante toda investigação provavelmente o aprendizado maior foi meu. Orquídea entrou em minha vida e me ensinou a ler nas entrelinhas, a significar ações e a enxergar possibilidades e potencialidades através da profunda observação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do diário de campo como ferramenta de registro no AEE, proporcionou uma rede de saberes que se interligam.

A observação sistematizada possibilitou o conhecimento profundo da aluna, (diariamente em construção), ampliando a interação e comunicação com a mesma.

As fotos e filmagens oportunizaram reviver as cenas e perceber expressões, sentimentos e ações, muitas vezes imperceptíveis no decorrer do atendimento.

As constantes reflexões conduziram ao repensar, reorganizar, redimensionar a prática docente no AEE.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

Destaco que a utilização do diário de campo exige um tempo maior de registro do que o habitual destinado para esta prática nas Salas de Recursos Multifuncionais e CAEE, necessitando de uma reorganização para a aplicação deste no seu dia a dia.

A partir das contribuições ressaltadas neste artigo, pela utilização do diário de campo e foto/filmagem, sugiro a inserção deste na docência do AEE, visando os inúmeros benefícios possíveis para a sua clientela.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Nota Técnica, nº 055 de 2013: **Orientação à atuação dos Centros de AEE, na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SECADI/DPEE, 2013. Disponível em: <<http://www.pcd.mppr.mp.br/arquivos/File/NOTATECNICAN055CentrosdeAEE.pdf>>

Acesso em 02 de set. 2018.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº: 13/2009: **Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial**.

Brasília: SEESP/MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb013_09_homolog.pdf>. Acesso em 02 de set.

2018.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. **Revista de Administração em Empresas**. São Paulo: v. 35, n. 2 p. 57-63, mai.-jun.1995.

KUPFER, Maria Cristina et al. **Eixos teóricos da metodologia do Estudo de Caso da Escola: o tempo da criança-sujeito**. In KUPFER, M.C.M.; PATTO, M.H.S.; VOLTOLINI, R. (orgs). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta: Fapesp, 2017.

KUPFER, Maria Cristina et al. **Princípios orientadores de práticas inclusivas**. In KUPFER, M.C.M.; PATTO, M.H.S.; VOLTOLINI, R. (orgs). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta: Fapesp, 2017.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

LACERDA Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA Vitor Hugo Nedel. **A Invenção do Pesquisador em Educação: Atores, Autores e Práticas**. Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 5, art. 5, p. 88-111, set./out. 2018. Disponível em: <<http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1620/491491619>> Acesso em 28 out. 2018.

MELGAREJO, R. de O. **A significação da aprendizagem a partir de experiências vividas por um aluno com Síndrome de Asperger no atendimento educacional especializado (AEE)**. In PAVÃO, A. C. de O.; PAVÃO, S. M. de O. (org) **Atendimento Educacional Especializado: Estado da Arte**. Santa Maria: UFSM, PRE; Ed. pE.com, 2017.)

MOLINA, R. M. K. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória**. In MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S., **Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 1999

NEGRINE, Airton **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa em Educação Física**. Porto Alegre: UFRGS/SULINA, 1999. p. 61-93.

SILUK, Ana Cláudia Pavão. (org) **Atendimento Educacional Especializado: contribuições para as práticas pedagógicas**. Santa Maria: UFSM, CE, Laboratório de pesquisa e Documentação, 2014.

SILVA, S. A. P. S. **A Pesquisa Qualitativa em Educação Física**. Rev. Paul. Educ. Fis., São Paulo, 10(1):87-98, jan./Jun. 1996 Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rpef/article/download/138481/133918>> Acesso dez/2017.

TAYLOR, S.J. y BODGAN, R. **Introducción a Los Métodos Cualitativos de Investigación**. Buenos Aires: Paidós, 1996.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas, Papirus Editora, 1998.